

MAIORES BILHETERIAS MUNDIAIS DE 2026*

1. **“SUPER MARIO GALAXY - O FILME”** (“The Super Mario Galaxy Movie”) — US\$ 1,009 bilhão
 2. **“MICHAEL”** — US\$ 1,002 bilhão
 3. **“TOY STORY 5”** — US\$ 882,1 milhões
 4. **“O DIABO VESTE PRADA 2”** (“The Devil Wears Prada 2”) — US\$ 688,2 milhões
 5. **“DEVORADORES DE ESTRELAS”** (“Project Hail Mary”) — US\$ 684 milhões
 6. **“PEGASUS 3”** — US\$ 656,5 milhões
 7. **“OBSESSÃO”** (“Obsession”) — US\$ 427,4 milhões
 8. **“CARA DE UM, FOCINHO DO OUTRO”** (“Hoppers”) — US\$ 372,1 milhões
 9. **“BACKROOMS”** — US\$ 363,1 milhões
 10. **“STAR WARS: O MANDALORIANO E GROGU”** (“Star Wars: The Mandalorian and Grogu”) — US\$ 340,4 milhões
- *Até o momento**



Ingrid Guimarães e Mônica Martelli durante as filmagens de ‘Minha Amiga’ em Portugal



‘Pégasus 3’, um blockbuster à chinesa



Lançado em Sundance e já convidado para Locarno, ‘O Convite’ se firma como êxito comercial



‘Marsupilami’ é a maior bilheteria francesa de 2026

o nosso campeão do ano, “Velhos Bandidos”, que mal chegou a 500 mil pagantes.

Em Hollywood então, até o bonde de “O Diabo Veste Prada 2” e dos Wayans voltar, a risada raramente se fez blockbuster, brilhando mais nas plataformas digitais. Os streamings estão cheios de graça, como comprova o recente e imperdível “Bola Pra Cima”, de Peter Farrelly (codiretor de “Debi & Lóide”), hoje na Prime Video, que usa o Brasil e o futebol, em tom de Copa do Mundo, para criar uma trama muito loca com Mark Wahlberg e Paul Walter Hauser.

A maneira como esse longa-metragem retrata a geografia do Rio de Janeiro (subvertendo as nossas altitudes e latitudes) e caricatura a população brasileira seria destroçada se “Balls Up” (título original) fosse a circuito, sob a guilhotina afiada da correção política e das patrulhas ideológicas. No digital, contudo, ele gruda no olhar de assinantes, na quietude do lar, no sapatinho...

onde o cancelamento não chega.

Antes que você, leitora ou leitor, fale em “Se Beber, Não Case” - que custou US\$ 35 milhões, faturou US\$ 469 milhões e ainda papou o Globo de Ouro de Melhor Filme Cômico -, atenção: o longa-metragem que consagrou o diretor Todd Philips é de 2009, e suas duas continuações, menos notáveis, de 2011 e 2013. A última vez em que um estúdio hollywoodiano viu uma trama cômica driblar a concorrência dos blockbusters de super-heróis, de animações Pixar e aventuras à la “Transformers” ou “Top Gun: Maverick” foi em 2012, quando “Ted”, de Seth Macfarlane, que custou US\$ 50 milhões, faturou US\$ 549 milhões pelo mundo afora.

Teve ainda “Missão Madrinha de Casamento” (2011), uma comédia milionária, que chegou a disputar estatuetas do Oscar. Fez de Melissa McCarthy uma estrela. Mas nem ela consegue mais formar filas nas portas dos cinemas pra ver uma narrativa engraçada.

Em 2025, “Corra Que A Polícia Vem Aí!” meteu as caras, renovando a estética da paródia, com o apoio de Liam Neeson para homenagear Leslie Nielsen (1926-2010). Deu certo? Sim. Faturou US\$ 102 milhões. Porém isso era menos do que se esperava e menos do que seu orçamento, em torno de US\$ 42 milhões, necessitava para emplacar um bom lucro. Valeu o esforço. Valeu por ter peitado as patrulhas.

Elas são ferozes. Os milhões que a comédia americana registrava nos anos 1980, sendo picante (“A Última Festa de Solteiro”) ou abilolado (“Top Secret”), e nos anos 1990, com grifes estelares (caso de Jim Carrey, em “Débi & Lóide” ou “O Mentiroso”) ou com debates comportamentais (caso de “American Pie”), sumiram. Houve alguma migração para as séries no streaming, vide a bombada “Leanne”, pepita da Netflix.

Lá, no grande N do streaming, Adam Sandler fez seu ninho. Revelado na TV, conhecido

pelo humorístico “Saturday Night Live”, ele deu um pontapé em seus concorrentes de prestígio (Carrey e Robin Williams) em 1998, ao emplacar um sucesso inesperado nas telonas: “O Rei da Água”. Dali pra diante, tudo o que ele fez entre 1999 (“O Paizão”) e 2011 (“Esposa de Mentirinha”) explodiu no gosto popular e passou da marca de US\$ 100 milhões na arrecadação. Até uma obra-prima adorada pela crítica ele emplacou: “Como Se Fosse A Primeira Vez” (2004). Mas com a recepção áspera a “Cada Um Tem a Gêmea Que Merece”, lançada aqui no carnaval de 2012, Sandler percebeu que era hora de mudar. Saiu do cinema e passou a ser um astro exclusivo da Netflix. No streaming, ele ampliou sua força com títulos como “O Halloween do Hub” (2020) e “Mistério no Mediterrâneo” (2019), este com a estrela da gargalhada Jennifer Aniston. No ano passado, tomou a Netflix para si com o delicioso “Um Maluco No Golfe 2”. Até um cult (sério) ele protagonizou: “Jóias Brutas”, em 2019. Mas o êxito contínuo de Sandler já não inclui as salas exibidoras.

Essa transformação foi tão grande que o recém-encerrado Festival de Buenos Aires, o BAFICI, criou uma seção paralela chamada Comédia, para festejar a longevidade do humorismo no cinema. Lá estava a produção brasileira “O Rei da Internet”, um thriller bem-humorado com João Guilherme e Marcelo Serrado.

Há uma razão histórica para essa mudança comportamental. Historicamente, toda a vez que o mundo entra num conflito bélico coletivo, como a I e a II Guerra, a comédia sobe. A carreira de um gênio como Frank Capra (1897-1991) foi fruto desse estado de coisas, em que a risada serve de analgésico ao temor. “A Felicidade Não Se Compra”, lançada por Capra em 1946 cresceu no imaginário cinéfilo mundial no pós-guerra, como refluxo dos horrores da batalha contra Hitler, evocando a necessidade de um filme de celebração do amor familiar. Mas hoje, mesmo com os massacres no Irã, a Guerra da Ucrânia e o conflito feroz na Palestina, o assombro do planeta passa pelas vias econômicas, por co-

lapsos financeiros que alimentam a presença de políticos conservadores no Poder. Em tempos assim, como se viu, por exemplo, no crack da Bolsa de 1922, a comédia cai e os filmes de monstro e os suspense noir (pautados na ambiguidade moral) crescem. É o que vivemos hoje em Hollywood. É contra esse percalço da História que Meryl Streep e Anne Hathaway e seu hilário “O Diabo Veste Prada 2” lutam.

Na Europa, a Itália é um dos países que mais apostam em comédias, sempre numa linha de chanchada. Checco Zalone é o senhor da graça por lá, estrelando tramas popularescas como “Buen Camino” (2025), hoje na Netflix. Ninguém cultiva tanto as tramas cômicas do que o cinema francês, que viu “Marsupilami”, aventura cômica de Philippe Lacheau, somar 6,1 milhões de pagantes. Não por acaso, quem abriu o 79º Festival de Cannes, foi um roteiro para fazer multidões rirem: “La Vénus Électrique”, de Pierre Salvadori. Teve comédia lá, como “A Riviera Não É Aqui”, que vendeu 20 milhões de ingressos, em 2008.

No Brasil, a partir do êxito de “Se Eu Fosse Você”, que vendeu 3,6 milhões de ingressos em 2005, a comédia encontrou espaço nobre nas telonas, inventando até um subgênero prasi, a neochanchada, caracterizada por seu humor escancarado, sem sutileza, graficamente explícito nas piadas, ao analisar as peripécias das classes C e D que emergiram na primeira Era Lula. Uma série de fenômenos, como “Até Que a Sorte Nos Separe” (2012-2015) ou “De Pernas Pro Ar” (2010-2019), consagraram novas fórmulas do riso. Em 2013, Paulo Gustavo (1978-2021) foi responsável por uma revolução nos cinemas, desafiando tabus do conservadorismo nacional, ao aparecer vestido de mulher à frente da franquia “Minha Mãe É Uma Peça”. O primeiro rendeu 4.582.788 tíquetes. O segundo foi visto por 9.307.612 pagantes. O terceiro superou todas as expectativas dos analistas de mercado e somou 11.608.254 espectadores.

Aí veio a pandemia. Naqueles tempos de máscaras e confinamento, só duas comédias fizeram sucesso à altura do esperado: “Tô Ryca! 2” (2022), com Samantha Schmütz, e “Desapega! O Filme”, com Maisa e Glória Pires. Nos streamings, as parcerias do roteirista Paulo Cursino com o diretor Roberto Santucci e o ator Leandro Hassum (nosso Peter Sellers), tipo “Tudo Bem no Natal Que Vem”, seguem brilhando – mais do que em circuito. Nas plataformas, Hassum não perde a majestade do gênio que é.

Santucci volta este ano com “Os Farofeiros 3” e “Picaretas Não Vão Pro Céu” e pode brilhar com os dois. A partir de 3 setembro, o Brasil pode encher os pulmões da comédia de ar de novo com “Se Eu Fosse Você 3” e “Minha Melhor Amiga”, juntando as grifes de Ingrid Guimarães e Mônica Martelli.